



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**RHAISSA ELIDA SILVA DE MORAIS**

**O GÊNERO CRÔNICA NO LIVRO DIDÁTICO: QUAIS AS  
IMPLICAÇÕES NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA?**

GUARABIRA – PB  
2011

**RHAISSA ELIDA SILVA DE MORAIS**

**O GÊNERO CRÔNICA NO LIVRO DIDÁTICO: QUAIS AS  
IMPLICAÇÕES NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ms. Luana Francisleyde Pessoa de Farias.

Guarabira – PB  
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

M827g

Morais, Rhaissa Elida Silva de

O gênero crônica no livro didático: quais as implicações  
no ensino de língua materna? / Rhaissa Elida Silva de  
Morais. – Guarabira: UEPB, 2011.  
24f.: Il. Color

Artigo - Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação  
em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Ms. Luana Francisleyde Passoa  
Vicente”.

1. Livro Didático 2. Gênero 3. Ensino I.Título.

22.ed. CDD 371.32

RHAISSA ELIDA SILVA DE MORAIS

**O GÊNERO CRÔNICA NO LIVRO DIDÁTICO: QUAIS AS  
IMPLICAÇÕES NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Graduação em Letras da Universidade  
Estadual da Paraíba – Campus III, em cumprimento  
à exigência para a obtenção do grau de Licenciado  
em Letras.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ms. Luana Francisleyde Pessoa  
de Farias.

Aprovado em 07 de dezembro de 2011.

COMISSÃO EXAMINADORA

*Luana Francisleyde Pessoa de Farias.*

Prof.<sup>a</sup> Ms. Luana Francisleyde Pessoa de Farias – UEPB  
(Orientadora – Presidente)

*Fábio Pessoa da Silva*

Prof. Ms. Fábio Pessoa da Silva – UEPB  
(Examinador)

*Juljan Lima Palmeira*

Prof. Ms. Juljan Lima Palmeira – UEPB  
(Examinador)

## O GÊNERO CRÔNICA NO LIVRO DIDÁTICO: QUAIS AS IMPLICAÇÕES NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA?

Rhaissa Elida Silva de Morais<sup>1</sup>

Luana Francisleyde Pessoa de Farias (UEPB – Orientadora)

### RESUMO

Muito se tem falado sobre os gêneros textuais e discursivos, sobretudo, defendendo a utilização deles em sala de aula, de modo a priorizar o trabalho com o texto. Nesse sentido, o conteúdo abordado no presente artigo, visa estabelecer conceitos acerca dos gêneros textuais e sua funcionalidade, para que seja possível analisar se eles estão sendo trabalhado na prática do ensino de maneira eficaz, cumprindo seu papel de formador de cidadãos. Utilizamos como base para melhor atender aos objetivos dessa pesquisa, o tratamento oferecido ao gênero crônica no livro didático de língua portuguesa, verificando se as atividades propostas condizem com as orientações teórico-metodológicas atuais. Para tanto, baseamo-nos nos seguintes aportes teóricos: Fiorin (2008), Marcuschi (2003), Bakhtin (2000), Barbosa (2000), Travaglia (2005), Schneuwly e Dolz (2004), entre outros, os quais desenvolvem suas pesquisas tendo o gênero textual como objeto de ensino, evidenciando a maneira mais adequada de utilizá-lo em sala de aula. A partir de tais contribuições, analisamos o espaço e o tratamento oferecidos pelo livro didático de língua portuguesa, destinado ao oitavo ano do ensino fundamental, ao gênero textual crônica, a fim de constatar se o mesmo está de acordo com as propostas indicadas pelos pesquisadores supracitados, para posteriormente podermos questionar e fazer algumas considerações acerca das orientações oferecidas pelo material didático disponibilizado aos docentes e discentes. Verificamos, ao fim, que as principais implicações no ensino de língua materna estão voltadas para a formação de cidadãos capazes de se comunicar e produzir conhecimento, nas diversas instâncias de sua vida. Por isso o ensino a partir dos gêneros se torna tão interessante, todavia, percebemos que ainda há certa deficiência na prática docente e também nas atividades propostas pelo livro didático, quando essa temática passa a ser abordada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gêneros. Crônica. Ensino. Livro Didático.

### 1 INTRODUÇÃO

As teorias de base comunicativa veem a competência discursiva dos alunos como um dos ‘passaportes’ para a cidadania. Para a concretização desse objetivo, o texto é eleito como unidade básica de ensino, assim como a noção bakhtiniana de

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III. Email: rhaissabig@yahoo.com.br

gêneros do discurso é usada como articuladora dessa relação do sujeito com a Língua/gem.

Essas proposições, atualmente, norteiam o ensino de língua, uma vez que o texto é produzido com a finalidade de comunicar e, para tanto, é constituído a partir de elementos linguísticos e extralinguísticos, uma vez que mobilizamos esses elementos à medida que surgem as diferentes demandas comunicativas, considerando sua função e todo o contexto.

A língua viva se concretiza através dos enunciados existentes no processo de comunicação, face a face ou não. Deve-se notar a funcionalidade de tais enunciados no processo de interação. Segundo Fiorin (2008, p. 19), “Todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio. O dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados.”, ou seja, o enunciador sempre leva em conta o discurso do outro. A partir dessa afirmação, fica evidente a importância dos enunciados para chegarmos à compreensão do texto, isso porque as unidades da língua sozinhas não têm sentido completo que possibilite uma resposta, por exemplo; muito embora as palavras, mesmo que corretas gramaticalmente e completas, necessitam de contexto, entonação, algo que leve ao entendimento mais próximo do que o locutor e interlocutor deseja expressar.

É importante, portanto, repensar como o trabalho com o ensino de língua materna tem sido abordado, pois é comum vermos tais implicações incidirem diretamente nas dificuldades dos alunos em ler e produzir textos. Diante dessas questões, perguntamo-nos: Será que os professores têm visto e trabalhado os textos como deveriam? Ou têm simplesmente os utilizado como pretexto para trabalhar a gramática normativa? Qual o espaço e tratamento oferecido aos gêneros textuais, especificamente ao gênero crônica? Será que o livro didático está preparado para atender as necessidades sócio-comunicativas de seus leitores?

É preciso analisar se os livros didáticos, principais veículos de informação em sala de aula, estão disponibilizando aos alunos gêneros textuais e atividades que favoreçam o processo de produção e compreensão de textos escritos, de maneira a promover também, com excelência, a interação humana no âmbito oral, considerando o desenvolvimento da sua competência discursiva. Fundamentando-se em Schneuwly e Dolz (2004), apresentaremos, então, a proposta da sequência didática com subsídio para o melhor aproveitamento do ensino com os gêneros.

Para orientar e direcionar tal investigação, tomaremos como referência os textos de Fiorin (2008), Marcuschi (2003), Bakhtin (2000), Barbosa (2000), Travaglia (2005), Schneuwly e Dolz (2004), entre outros estudiosos, os quais discutem o tema com propriedade, contribuindo de forma significativa para a difusão e melhor tratamento dos gêneros textuais.

O presente artigo está organizado em tópicos que visam facilitar a compreensão do leitor e, simultaneamente, fazê-lo entender o que são gêneros, qual sua importância. Para tanto, apresentamos os conceitos básicos sobre os gêneros textuais e seu espaço no âmbito escolar através do ensino, seguido da descrição, funcionalidade e caracterização do gênero crônica; em um segundo momento, propomos a análise de atividades propostas no livro didático de uma conceituada coleção destinada ao nível fundamental, mais precisamente ao 8º ano, dos autores Cereja e Magalhães (2009); a partir das teorias apresentadas pelos estudiosos que fundamentam a presente pesquisa, objetivamos verificar se o gênero crônica está tratado com a devida atenção, propriedade e, sobretudo, eficácia no livro analisado, de modo que as implicações, no que diz respeito à internalização, produção e reprodução dos gêneros mediante as necessidades comunicativas, tornem-se possíveis.

## **2 OS GÊNEROS DO DISCURSO: ORIGEM, CONCEITO E FUNCIONALIDADE**

Com a invenção da escrita, por volta do Século VII a. C., os gêneros, antes predominantemente orais, multiplicaram-se. Fiorin (2008, p. 60) afirma que “Desde a Grécia, o Ocidente opera com a noção de gênero.” Entretanto, só com a difusão da cultura impressa é que seu espaço foi ampliado.

O trabalho com os gêneros do discurso na prática de ensino, todavia, acaba por relacionar a definição de gênero textual com a tipologia textual, o que evidencia certo desconhecimento do profissional ao tratar desse conteúdo, porém, não entraremos nesse aspecto ainda, pois é preciso, antes de qualquer coisa, apresentar uma breve diferenciação entre ambos os tópicos, para que seja possível seguir em nossa temática enxergando com mais clareza e precisão a importância dos gêneros e de sua representatividade em nossa vida cotidianamente.

Segundo Barbosa (2000, p. 152),

(...) diversas tipologias têm sido propostas ou importadas de teorias lingüísticas. A maioria dessas tipologias está calcada em critérios estruturais/ formais (narração, descrição, dissertação, etc.) ou funcionais (textos informativos, textos literários, textos apelativos, etc.) Ora, baseadas só em aspectos estruturais e/ ou funcionais, essas propostas ou deixam de capturar aspectos da ordem da enunciação ou do discurso, ou, quando consideram esses aspectos, fazem-no de maneira externa às classificações.

Assim, a tipologia textual é vista meramente como uma série de regras sequenciais previamente estabelecidas e que devem ser cumpridas para compor um texto. Esse conceito acaba sendo um tanto quanto limitado, até por que sabemos que é quase impossível encontrar um texto puro, ou seja, os textos normalmente possuem diversas características/tipologias, mesmo que uma seja mais predominante que outra. Trata-se do fenômeno denominado de Heterogeneidade tipológica.

Segundo Fiorin (2008, p. 61), “as variedades de gênero são infinitas, e muitas vezes suas características se misturam e/ou se confundem ao assumir a função e formas de outro gênero”. Nesse sentido, ocorre outro fenômeno denominado de Intertextualidade inter-gêneros ou Intergenericidade. Para melhor compreendermos esse fenômeno, temos o texto “E agora José”, de Carlos Drummond de Andrade:

<b>Um novo José</b> <b>Josias de Souza</b>	
<p>-São Paulo-</p> <p>Calma José. A festa não começou, a luz não acendeu, a noite não esquentou, o Malan não amoleceu, mas se voltar a pergunta: e agora José? Diga: ora Drummond, agora Camdessus. Continua sem mulher, continua sem discurso, continua sem carinho, ainda não pode beber, ainda não pode fumar, cuspir ainda não pode, a noite ainda é fria, o dia ainda não veio, o riso ainda não veio, não veio ainda a utopia, o Malan tem miopia, mas nem tudo acabou, nem tudo fugiu, nem tudo mofou. Se voltar a pergunta: E agora José?</p>	<p>Diga: ora, Drummond, Agora FMI.</p> <p>Se você gritasse, se você gemesse, se você dormisse, se você cansasse, se você morresse... O Malan nada faria, mas já há quem faça.</p> <p>Ainda só, no escuro, qual bicho-do-mato, ainda sem teogonia, ainda sem parede nua, para se encostar, ainda sem cavalo preto, Que fuja a galope, você ainda marcha, José! Se voltar a pergunta: José, para onde? Diga: ora Drummond, por que tanta dúvida? Elementar, elementar, sigo pra Washington e, por favor, poeta, não me chame de José. Me chame Joseph.</p>

onte: Folha de São Paulo, Caderno 1, pág. 2 – Opinião, 04/10/1999

Fonte: Marcuschi (2003, p. 30)

Verificamos que o texto está escrito em forma de poema, no entanto, trata-se do gênero artigo de opinião, publicado na Folha de São Paulo. Sobre o mesmo, Marcuschi (2003, p. 31) diz que “Isso configura uma estrutura inter-gêneros de natureza altamente híbrida e uma relação intertextual com alusão ao poema e ao poeta autor do poema no qual se inspira e do qual se extrai elementos: “E agora José”, de Carlos Drummond de Andrade.” Baseando-nos, nessas informações, percebemos que um gênero não precisa obrigatoriamente ter uma forma fixa, isto é, a ausência de algum elemento comum a determinado gênero não o descaracterizará, se ele mantiver suas propriedades necessárias e suficientes, se a mensagem puder ser transmitida com sucesso.

Desde a divisão bakhtiniana dos gêneros como primários, predominantemente orais, e secundários, predominantemente escritos, observamos que o fato de ser predominante não quer dizer que os gêneros tenham a obrigação de seguir essa regra, pois “(...) Em meio à heterogeneidade dos textos com que nos defrontamos no campo da linguagem, é necessário identificá-los, organizá-los, ordená-los na tentativa de melhor compreendê-los.” (BRANDÃO, 2003, p. 19).

Na verdade, mais uma vez é a função que vai ser determinante nessa classificação. Os gêneros primários fazem referência aos fatos cotidianos, fazendo relação direta e espontânea com o contexto, a exemplo da piada, do telefonema, do chat, do bilhete, sendo estes dois últimos gêneros escritos. Os gêneros secundários, por sua vez, são mais elaborados e possuem uma carga cultural maior na esfera comunicativa, são exemplos dessa ordem o romance, o sermão (oral), o artigo científico, etc.

Para Marcuschi (2003), “Importante é perceber que os gêneros não são entidades formais, mas sim entidades comunicativas”. Os gêneros não são intactos, nem estagnados, na verdade eles são maleáveis e sujeitos a mudanças através do tempo, produto das demandas sociais. É por esse motivo que as inovações tecnológicas são tão influentes nos nossos tempos modernos, pois oferecem agilidade, praticidade, informação e interatividade. Graças à globalização, grande parte da população já tem acesso à comunicação proporcionada por esses meios e, conseqüentemente, aos mais variados gêneros textuais e discursivos, mesmo que não tenham conhecimento do que eles representam e de qual a sua importância social.

Hoje, em plena fase da denominada cultura eletrônica, com o telefone, o gravador, o rádio, a TV e, particularmente o computador pessoal e sua aplicação mais notável, a internet, presenciamos a explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto na oralidade quanto na escrita. (MARCUSCHI, 2003, p. 19)

O homem está vinculado ao gênero de forma estreita, fala-se e escreve-se por gêneros, assim, é o gênero que possibilita a comunicação entre os seres nas mais variadas situações e esferas (escolas, igrejas, ambiente de trabalho, política, relações pessoais etc.). As esferas, onde as ações humanas acontecem, são extremamente importantes e determinantes para a caracterização e finalidade dos enunciados, pois o conteúdo, entonação, construção composicional, estilo variam de acordo com o destinatário, mas também de acordo com o lugar, no qual o gênero será utilizado. Por exemplo, o sermão, pronunciado nas igrejas, é um gênero que possui características e funções diferentes de uma notícia apresentada em um telejornal, apesar de ambos serem oralizados; da mesma forma, um artigo científico objetiva interesses diferentes de uma bula de remédio. Percebe-se que cada gênero tem seu valor e infinitas utilidades no âmbito comunicativo, assim é preciso conhecê-los para utilizá-los de maneira apropriada em cada esfera de ação.

O gênero estabelece, pois, uma interconexão da linguagem com a vida social. A linguagem penetra na vida por meio dos enunciados concretos e, ao mesmo tempo, pelos enunciados a vida se introduz na linguagem. (FIORIN, 2008, p. 61)

Construídos historicamente pelo homem, os gêneros fazem parte de toda e qualquer cultura, contribuindo de maneira ímpar no processo de comunicação e interatividade. Os textos, geralmente encontrados no dia a dia, são caracterizados como determinado gênero de acordo com seu conteúdo, forma e principalmente função social.

Os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades

lingüísticas e estruturais. São de difícil definição formal, devendo ser contemplados em seus usos e condicionamentos sócio-pragmáticos caracterizados como práticas-discursivas. Quase inúmeros em diversidade de formas, obtêm denominações nem sempre unívocas e, assim como surgem, podem desaparecer. (MARCUSCHI, 2003, p. 20)

De modo geral, é a comunicação que fundamenta que função terá o texto, assim, é preciso saber para quem se fala e em qual circunstância, para saber o que será dito efetivamente. Bakhtin, em sua obra (1953/ 1979), posiciona os gêneros de acordo com a troca de enunciados produzidos em determinada esfera social/comunicativa, a qual determina sua função, caracterizando-os pelo seu conteúdo temático, estilo e forma composicional.

Levando em consideração que o discurso é a atividade comunicativa propriamente dita, o texto torna-se o resultado concreto dessa comunicação. Nesse contexto, o gênero textual é usado intuitivamente em momentos específicos de interação. Por exemplo: quando escrevemos um email para um amigo, redigimos de uma maneira diferente, daquela se tivéssemos como interlocutor um gerente de uma empresa, a fim de pedir esclarecimentos sobre determinado produto. Da mesma forma, uma carta pessoal é diferente de uma carta aberta, direcionada a uma entidade ou a um político.

Vale ressaltar ainda que os gêneros vivem em mudança contínua e tais transformações ocorrem mediante as necessidades impostas pelo desenvolvimento das esferas de atividade humana; desse modo, os gêneros vão se adequando à vida social para sobreviver, podendo ser alterados, ganhar um novo sentido ou, até mesmo, reaparecer com uma 'roupagem nova', principalmente com o auxílio dos meios de comunicação de massa. Através das novas tecnologias, foi possível o surgimento de novos gêneros, como, telefonemas, emails, chats, reportagens ao vivo, dentre tantos outros.

Os novos gêneros, todavia, não são tão inovadores quando analisados nas suas bases, uma vez que são produtos de um processo de assimilação das características de um gênero velho por um novo, também denominado, por Bakhtin (1997), transmutação. A partir dessa transmutação, esses novos gêneros surgem nas mais diversas mídias desafiando as convenções da oralidade e da escrita, e

promovendo a comunicação através de sua construção híbrida, ou seja, um texto composto por vários recursos de linguagem.

Não obstante, diante da complexidade da natureza dos gêneros, discutiremos, a seguir, as implicações desse estudo no âmbito educacional, enfocando, principalmente, a necessidade de trabalhá-los e discuti-los em sala de aula, a fim de tornar os cidadãos conhecedores e capazes de identificar e utilizar tais elementos em sua prática diária por meio das diversas semioses que os compõem.

### **3 SOBRE O ENSINO COM GÊNEROS**

A diversidade de gêneros existe mediante o inesgotável poder de criação do homem, nas mais diversas esferas de sociedade ativa, considerando ainda o canal utilizado e todas as características pertinentes. É possível ver a realidade a partir dos gêneros, aliás, não há comunicação que não seja através dos gêneros. Então, como não privilegiar esse ensino nas salas de aula? A questão, na verdade, está sendo discutida no ensino de Língua Portuguesa? Em caso afirmativo, qual o espaço e o tratamento a ela oferecidos? Qual a postura do educador diante dos gêneros do discurso/textuais?

Atualmente, o educador tem uma grande abertura em seu trabalho docente, porém, tamanha liberdade representa, ao mesmo tempo, um avanço e um perigo, pois, se o professor não for bem capacitado, acabará por se “perder” em meio a tanta informação. Entender os diversos conceitos expostos é muito mais fácil do que conseguir transportá-los para a prática diária das salas de aula. Assim, é comum observarmos uma prática de ensino reducionista, talvez por hábito, comodidade ou por simplesmente facilidade, priorizando, assim, os aspectos mais superficiais e/ou menos interessantes do texto.

Com a exigência dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), doravante PCN, para que o ensino de Língua Portuguesa se desse através dos gêneros, surgiram algumas estratégias, entre elas, aquelas que se apoiam em um ensino normativo, tal qual o ensino de gramática criticado por muitos pesquisadores, cheio de regras imutáveis e que devem ser rigorosamente seguidas. Essa perspectiva reducionista concebe o gênero enquanto produto, sendo bastante comum nos livros didáticos e, conseqüentemente, nas atividades, principalmente em sala de aula, como ressaltam Rojo e Cordeiro (2004, p. 10)

(...) nas práticas ligadas ao uso, à produção e à circulação dos textos, faz-se a abstração das circunstâncias ou da situação de produção e de leitura desses textos, gerando uma leitura de extração de informações (explícitas e implícitas) mais do que uma leitura interpretativa, reflexiva e crítica, e uma produção guiada pelas formas e pelos conteúdos mais que pelo contexto e pelas finalidades do texto.

Na verdade, as aulas de Língua Portuguesa deveriam enxergar e trabalhar o gênero de forma mais abrangente, de maneira que os alunos pudessem entender a essência dos textos, seus objetivos e função. Nesse contexto, seria interessante, sobretudo, que o profissional aprimorasse seus conhecimentos prévios, capacitando-se para nortear seus alunos com mais eficácia em sala de aula. Baseando-se em conceitos e percebendo-os em sua prática, o educador poderá desenvolver, na relação ensino-aprendizagem, a maneira mais apropriada para tratar da língua e de seus aparatos discursivos. “Uma dimensão discursiva do texto pressupõe uma concepção sócio-interacionista de linguagem centrada na problemática da interlocução.” (BRANDÃO, 2003, p. 17), de modo que os estudantes possam, positivamente, compreender a intencionalidade da mensagem que cada texto traz consigo.

A interatividade discursiva é um traço bastante importante para o progresso do ensino que tem o texto como base. Para Brandão (2003, p. 18), “Uma abordagem que privilegie a interação deve reconhecer tipos diferentes de textos, com diferentes formas de textualização, visando a diferentes situações de interlocução”, porém, os profissionais da educação acabam analisando e qualificando os gêneros textuais de forma superficial, privilegiando o trabalho com as estruturas, assim sendo, acabam por desconsiderar, por vezes, as peculiaridades organizacionais e funcionais do texto.

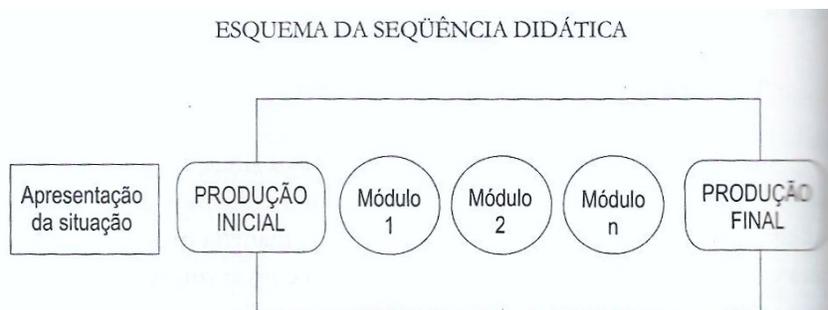
Com base em Barbosa (2000, p. 155-156), a noção de ‘superestrutura’ foi e ainda é muito utilizada na prática das aulas de Língua Portuguesa. Nessa perspectiva, uma narrativa é geralmente descrita como um texto que apresenta um cenário ou orientação (personagens, lugar, determinação do tempo) e, a partir de uma situação inicial, surgirá o problema ou complicação, posteriormente, a resolução e o desfecho. Assim temos um texto com “começo, meio e fim”. Da

mesma forma, a dissertação é trabalhada como um texto composto por introdução, desenvolvimento e conclusão, onde em geral, defende-se uma opinião, sustentando-a com argumentos coerentes.

Os textos se concretizam em formas diferentes – gêneros – que possuem diferenças específicas. Desse modo, não podemos ensinar narrativa ou dissertação como algo imutável, afinal, é preciso levar em consideração a característica e intenção de cada texto. Por exemplo, os contos de fadas e as crônicas literárias são narrativas que possuem diferenças significativas. Um editorial e um artigo científico, apesar de serem considerados tipologicamente dissertativos, possuem propostas diferentes, o primeiro pertence à ordem do argumentar, enquanto o segundo pertence à ordem do expor. Percebendo essa confusão, que acontece por vezes ao discutir sobre os gêneros, foi preciso haver um estudo pertinente que objetivasse uma melhor organização nesse sentido, porque, como expõe Schneuwly e Dolz (2004, p.76) “(...) o gênero não é mais instrumento de comunicação somente, mas é, ao mesmo tempo, objeto de ensino aprendizagem”.

Assim, a sequência didática surge, justamente, para organizar sistematicamente esse processo de ensino-aprendizagem, pois, como apresentam os estudiosos Schneuwly e Dolz (2004, p. 51) “As sequências didáticas instauram uma primeira relação entre um *projeto de apropriação* de uma prática de linguagem e os *instrumentos* que facilitam essa apropriação.” Nessa perspectiva, devemos considerar as estratégias propostas por ela, para potencializar o ensino de gêneros, lembrando que é preciso, inicialmente, que o profissional tenha conhecimento acerca das especificidades dos gêneros, assim como do nível de aprendizagem e saberes de seu corpo discente, para, a partir daí, inserir seus educandos nesse processo de progressão, fornecendo-lhes, antes de tudo, meios para isso.

Schneuwly e Dolz (2004) esquematizam essa sugestão de ensino didático da seguinte forma:



Fonte: Schneuwly e Dolz (2004, p.98)

Nesse sentido, o professor deve apresentar uma situação que será justamente o contexto do gênero a ser produzido, na produção inicial. Essa primeira produção o ajudará a conhecer o aluno e o seu nível de conhecimento, de modo que as deficiências apresentadas sejam trabalhadas nos módulos que seguem. A produção final visa, justamente, avaliar o desempenho e o progresso do aluno, considerando o material desenvolvido em sala de aula.

#### **4 O GÊNERO TEXTUAL CRÔNICA**

A crônica é um gênero textual que surgiu na Idade Média e foi sendo transformado ao longo da história. Seu nome está atrelado à palavra grega ‘*khrónos*’, que quer dizer tempo. De *khrónos* veio *chronikós*, que significa “relacionado ao tempo”. Assim, em ordem cronológica, os fatos históricos e verídicos eram construídos sem qualquer aprofundamento para narrar a vida e acontecimentos de pessoas importantes da época, a exemplo de reis, rainhas, guerreiros, entre outros. Em latim, tais narrações receberam o nome de ‘*chronica*’.

Por volta do século XIX, com a implantação da imprensa, em praticamente todas as partes da Terra, a crônica contemporânea ganhou espaço e foi consolidada. A partir dessa época, os cronistas, além de fazerem relatos cronológicos dos grandes acontecimentos históricos, também passaram a registrar a política, os costumes e especialmente o cotidiano da sociedade de seu tempo, marca desse gênero textual.

Os escritos eram publicados em folhetins, revistas e jornais, numa sessão separada das matérias de caráter meramente informativo, a qual era renovada a cada edição. Narrativas curtas, que geralmente se passava no espaço de um dia e se revelava sem muitos detalhes, onde os escritores podiam fazer ‘críticas nas entrelinhas’, ao sistema e as situações vivenciadas pelo povo, de modo a internalizar em seu público uma visão do mundo através de ‘seus olhos’ (suas opiniões).

Por seu caráter opinativo, libertário, descompromissado e inconstante, a crônica literária é avessa a regras, tem mobilidade de aparências e discursos, retratando fatos que não são necessariamente do tempo presente, uma vez que seu tratamento é abordado numa perspectiva diferente da jornalística, porque, apesar dos cronistas se inspirarem e basearem seus textos em acontecimentos cotidianos,

esse gênero se diferencia dos textos informativos devido à carga de elementos próprios da crônicas, como ficção, ironia, fantasia, comicidade e criticismo.

O texto do gênero crônica não é dotado de palavras rebuscadas, sua intenção talvez seja descomplicar, tratar de coisas corriqueiras, de modo a facilitar a vida de quem o lê, assim ele se torna envolvente e abrange mais leitores por sua praticidade e acessibilidade. Em seu conteúdo, trata das mais diversas temáticas, tendo como base questões filosóficas, existencialistas, notícias, etc. comuns ao dia a dia dos seres humanos. Para que a crônica seja de qualidade, é indispensável que haja sintonia entre o tempo e a linguagem, pois a crônica, nada mais é do que um redimensionamento da vida, que toma proporções muitas vezes banais, em tom humorístico, através de um contador de histórias, o cronista.

Para Neiva (2006, p. 127),

(...) a crônica pode estar aberta à poeticidade, à referencialidade ou mesmo à expressão dos sentimentos do seu autor sobre os fatos do cotidiano. Assim, como também todas essas funções da linguagem podem se misturar, fazendo dela uma narrativa de difícil classificação.

Diante dessa afirmação, percebemos que o cronista tem total liberdade de expressão em sua composição, dessa maneira, a crônica pode ter várias funções, desde relatar ou informar algo a fazer críticas e exprimir sentimentos.

Em sua maioria, as crônicas têm um narrador personagem, que mantém uma espécie de diálogo com o leitor. Desse modo, os cronistas carregam seus textos, em primeira pessoa, de pessoalidade, em críticas nem sempre explícitas, mas que podem ser facilmente compreendidas pelo leitor, pois o escritor usa propositadamente uma linguagem simples e coloquial, que se aproxima da oralidade, para transmitir com êxito sua visão de mundo, opiniões e as mais diversas questões, por vezes inusitadas, de forma leve e espontânea.

Coutinho (1997, p.122) diz que “A crônica impôs-se, ainda que discretamente, pelo espírito de independência. E, encarada pelo cunho do individualismo que sempre a distinguiu, o pressuposto é de que o cronista aja sempre de maneira livre e desembaraçada”.

A crônica pode se apresentar como um recorte da vida humana, assim não precisa obrigatoriamente de um ponto de partida, um começo e, ao contrário de muitas estórias que geralmente concluem com um “E foram felizes para sempre”, ela também não tem obrigação de ter um fim, ou seja, o fim da história relatada não representa o fim da vida dos personagens. Marcos Rey (2003, p. 10), no livro ‘O coração roubado e outras crônicas’, faz a seguinte consideração acerca do que é uma crônica:

A boa crônica, a meu ver e não sei de quem mais, só possui o meio ou miolo, é sumo, não casca. Tendo as pontas soltas bóia deliciosamente, caia onde cair. É um sanduíche sem as fatias de pão. Não tendo assinado contrato com a posteridade, é feita para servir já, quente ou gelada, em pó ou granulada. Ao contrário do artigo de jornal, ela não prova, confere. Diferente do conto, nunca é terceira pessoa, o outro que fala, mas estritamente a primeira, o eu assumido, todo impressões digitais. Oposta à notícia, às vezes sua inspiradora, prima por não merecer crédito: a luz forte da informação jornalística espanta a fera insaciável da criação.

Nos dias atuais, há inúmeros cronistas com seus respectivos leitores, porém, dentre os cronistas mais conceituados de nossa literatura, que muito contribuíram para o enriquecimento desse gênero, podemos destacar as pessoas de Machado de Assis, João do Rio, Lima Barreto, Rubem Braga, Helyda Rezende, Fernando Sabino, Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes, Clarice Lispector, Henrique Pongetti, Paulo Mendes Campos, Alcântara Machado, Coelho Neto, José de Alencar, Helyda Rezende, Leon Eliachar, Marcos Rey, Luis Fernando Verissimo, Millôr Fernandes, entre outros.

#### **4.1 As variações tipológicas das crônicas**

Cada cronista tem seu estilo próprio de escrever e são essas diferenças que determinam a tipologia das crônicas. Em sua subjetividade, boa parte das crônicas tem a literatura como referência maior, o que a capacita para tornar algo miúdo em grande e belo, e ainda ser capaz de falar por meio de todas as funções da linguagem sobre diversos assuntos, transmitindo com propriedade a mensagem

desejada. Esse enquadre permite que haja uma variedade de crônicas, permeando diversas áreas: históricas, narrativas (que a aproxima dos contos), descritivas, dissertativas, poéticas, jornalísticas, líricas e humorísticas.

A classificação desse gênero textual é feita, em geral, tomando como base a natureza da temática usada nos textos. Entretanto, sabe-se que os gêneros têm possibilidades infinitas, além de uma riqueza de significados e expressões, por esse motivo é difícil fazer uma divisão definitiva da crônica, baseando-se em estereótipos e recursos mecânicos previamente estabelecidos e organizados.

Embora levemos em consideração que haja inúmeras possibilidades de crônicas, faremos uma breve apresentação sobre algumas das eventualidades em que esses gêneros são agrupados por suas características comuns.

Conforme Beltrão (1980), as crônicas podem ser subdivididas em três grandes grupos: o geral, ao tratar de diversas temáticas; o local, ao tratar da vida cotidiana de determinada cidade; e a especializada, abordando conteúdos de um campo específico de atividade. Ainda de acordo o autor, o tema utilizado pode ser dividido da seguinte forma:

a) analítica – onde o texto se assemelha a um ensaio científico, em geral são apresentadas em canais jornalísticos como uma apresentação crítica da opinião do autor sobre determinados fatos que analisam as situações econômicas e sociais, muitas vezes voltada para a política e, por esse motivo, tem um tom mais sério que as outras;

b) sentimental – caracterizada pelo apelo à sensibilidade do leitor, sua função é mais emotiva e podem ser expressas ao tratar de fatos, pessoas ou fenômenos através de uma linguagem poética e metafórica;

c) satírico-humorística – usada para o entretenimento, mas também para advertir o leitor, esses textos, como o próprio nome propõe são dotados de críticas em tom de humor.

## **5 O GÊNERO TEXTUAL CRÔNICA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Com a democratização do ensino, os professores aumentaram sua jornada de trabalho e reduziram o nível do ensino, afinal, eles têm menos tempo para dedicar-se ao planejamento e à prática de leitura, o que acaba por influenciar a concepção

que se tem do professor na elaboração e editoração do livro didático. Conforme apresenta Soares (2001, p. 32-33),

Tanto o mundo acadêmico quanto a mídia têm insistentemente denunciado a pouca familiaridade que os professores teriam com a leitura, quer aquela voltada para a formação profissional quer aquela em que se busca prazer ou lazer – a leitura literária.

Atualmente, os livros didáticos, visando facilitar a vida desses profissionais, reduzem a extensão dos excertos e textos e inserem manuais de como utilizar o livro, dando respostas até mesmo às perguntas mais simples, de maneira que o aluno faça o trabalho por si só e o professor apenas oriente e direcione tal aprendizagem.

O uso de texto como pretexto para ensinar gramática é muito comum nas salas de aula, afinal é mais fácil apresentar informações e fazer com que os alunos as decorem do que ensinar os gêneros, afinal estes são infinitos e sua interpretação e função variam de acordo com o contexto e intenção do autor. Todavia, segundo Barbosa (2000, p.159), “(...) resultados de pesquisa mostram que um trabalho baseado em gêneros do discurso acarreta uma melhoria considerável no desempenho dos alunos, no que diz respeito à produção e compreensão de textos.”

Por esse motivo, analisaremos, a seguir, como o gênero crônica se enquadra nessa perspectiva no livro didático, mais precisamente, em Cereja e Magalhães (2009), livro sugerido pelo MEC e de bastante prestígio, em virtude da presença do incentivo ao trabalho com os mais diversos gêneros textuais.

Considerando que a obra já foi previamente avaliada em todos os critérios exigidos, os quais estão relacionados à: “precisão e adequação dos conteúdos selecionados para o ensino em cada um dos componentes; pertinência e adequação metodológica ou didática das propostas; e contribuição das mesmas na construção de valores e atitudes cidadãs.” (ROJO e BATISTA, 2003, p. 72), analisaremos a atividade proposta, a partir dos conceitos mencionados anteriormente acerca dos gêneros e seu ensino.

Além de considerar aspectos mais abrangentes no tocante à educação em língua materna, como: tornar o aluno um cidadão capaz não apenas de decifrar signos linguísticos, mas também, de compreender os recursos e, principalmente, a

mensagem que compõe o texto, visando torná-lo mais que um simples leitor, um conhecedor do mundo, dotado de inteligência comunicativa, em todos os sentidos, pois, sabe-se que o ensino dos dias atuais está voltado justamente para o uso no cotidiano, como defende Travaglia (2005, p.17): “O ensino de Língua Materna se justifica prioritariamente pelo objetivo de desenvolver a competência comunicativa dos usuários da língua.”

O livro didático de Cereja, a princípio, já apresenta um dado positivo, que é justamente a presença de textos, abordando os gêneros textuais. Na edição em análise, há dois capítulos destinados à crônica, ambos inseridos no campo da produção de texto, seção que objetiva, ao menos supostamente, a transmissão de informações que leve o aluno a produzir textos. Sobre tais objetivos, Travaglia (2005, p. 19) faz as seguintes considerações: “(...) se o objetivo de ensino da língua materna é desenvolver a competência comunicativa, isto corresponde então a desenvolver a capacidade de produzir e compreender textos nas mais diversas situações de comunicação.”

O primeiro capítulo, a respeito do gênero em questão, traz uma crônica de Fernando Sabino (em anexo), intitulada de “Na escuridão miserável”. Vejamos então a atividade proposta pelo livro didático.

1. A crônica é quase sempre um texto curto, com poucas personagens, que se inicia quando os fatos principais da narrativa estão por acontecer. Por essa razão, o tempo e o espaço são limitados. Na crônica “Na escuridão miserável”:

i. b) No trajeto de carro entre o Jardim Botânico e a praia do Pinto, no Rio de Janeiro.

a) Quais são as personagens envolvidas na história? O narrador-personagem e a menina Teresa.

b) Onde acontecem os fatos narrados?

c) Qual é o tempo de duração desses fatos? Poucos minutos: o tempo da ida do carro de um bairro a outro da cidade.

d) Resuma, em poucas linhas, os fatos narrados. O narrador dá ênfase a uma memória que espanta o leitor: a noite, escura, num bairro chique. Durante a viagem até o bairro onde ela mora, os dois conversam sobre o trabalho dele.

2. Na crônica, os fatos podem ser narrados por um narrador-observador ou por um narrador-personagem. Qual é o tipo de narrador na crônica “Na escuridão miserável”? Justifique sua resposta. Narrador-personagem, pois ele participa da história, como demonstra o emprego de verbos e pronomes na 1ª pessoa: “Eram sete horas da noite quando entrei no carro, lá no Jardim Botânico”.

3. O cronista volta seu olhar atento para notícias veiculadas em jornais falados e escritos e para fatos do dia a dia. E os registra com sensibilidade e poesia, ora criando humor, ora provocando uma reflexão crítica acerca da realidade. b) Busca uma abordagem mais abrangente dos fatos que relata.

a) A história relatada na crônica lida é apenas ficcional, ou seja, inventada pelo cronista? Justifique sua resposta. Não, ele narra fatos da vida cotidiana, com uma visão pessoal.

b) Conclusão: A crônica se limita a narrar fatos ou busca uma abordagem mais abrangente deles?

**Crônica: O registro do efêmero**

[...] a crônica surge primeiro no jornal, herdando a sua precariedade, esse seu lado efêmero de quem nasce no começo de uma leitura e morre antes que se acabe o dia, no instante em que o leitor transforma as páginas em papel de embrulho, ou guarda os recortes que mais lhe interessam num arquivo pessoal. O jornal, portanto, nasce, envelhece e morre a cada 24 horas. Nesse contexto, a crônica também assume essa transitoriedade, dirigindo-se inicialmente a leitores apressados, que leem nos pequenos intervalos da luta diária, no transporte ou no raro momento de trégua que a televisão lhes permite.

(Jorge de Sá. A crônica. São Paulo: Ática, 1997. p. 10-11)



Observamos, na atividade, que os enunciados apontam características da crônica e que há uma preocupação dos autores em fazer com que o leitor consiga identificar os personagens, fatos, espaço e tempo contidos na estória. No entanto, na questão 2, especificamente, percebemos que é desconsiderado o conhecimento prévio do aluno sobre quais os tipos de narradores, dando-lhe logo as alternativas de resposta a uma questão simples e objetiva.

Por sua vez, no quesito 3, vemos que são apresentados ao aluno os lugares comuns à veiculação do gênero e, posteriormente, pergunta-se ao mesmo sobre o conteúdo, todavia, priorizando o aspecto menos significativo, por exemplo, se o texto trata-se de uma ficção ou não; e se a crônica busca uma abordagem mais abrangente ou não. Tais questões são importantes para a compreensão da estrutura e composição do texto, porém as propriedades discursivas do texto e sua real funcionalidade não entram em discussão na atividade.

Para um melhor aproveitamento da leitura, seria interessante que fossem feitas interrogativas do tipo: Como? Onde? Quando? O que? E para quem o texto fala? Constatamos que há, na crônica de Fernando Sabino, uma mensagem significativa destinada a determinado leitor, contudo tal abordagem (quanto a essa temática) está ausente na proposta de atividade.

Assim, considerando as palavras de Bakhtin (2006, p. 31) que diz que “Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo.”, o exercício deixa a desejar, afinal, poderia ter entrado em pauta a questão do trabalho e exploração infantil, assim como desigualdade social e situação de miséria de uma boa parcela da sociedade, em contraposição à parte favorecida que se aproveitando da situação acaba por querer ‘escravizá-los’. Esses temas poderiam até ser utilizados como subsídio para outras propostas de ensino, mediante a perspectiva desejada pelo professor.

Adiante, na página 81 (em anexo), a atividade propõe um estudo da linguagem usada na crônica, questionando se o mesmo é escrito de maneira objetiva ou subjetiva, pessoal ou impessoal, se está mais próximo da linguagem jornalística ou literária e se faz parte da variante padrão ou informal da língua. A finalidade do texto, de acordo com a proposta analisada, remete simplesmente ao fato do texto querer divertir, informar ou levar a reflexão, o que, mais uma vez, aponta a negativa ausência do conteúdo em si, a essência do texto. Logo em

seguida, o autor sugere a produção de uma crônica com base nos conhecimentos adquiridos a partir do exercício.

Ora, como poderá o aluno escrever com eficiência uma crônica, com base em apenas um texto e em questionamentos, de certa maneira, superficiais? O mais adequado seria que o professor proporcionasse ao aluno um contato maior com esse tipo de leitura, afinal as crônicas podem ter diversas variações tipológicas, do contrário, a aprendizagem será bem reducionista. Uma maneira de proporcionar esse contato maior seria por meio do desenvolvimento de sequências didáticas para trabalhar o gênero em sala de aula.

Se há uma proposta de produção, interessante no livro didático, contudo é preciso que o tema seja tratado com mais aprofundamento e, na mais simples das hipóteses, que a atividade seja direcionada de maneira mais precisa, ou seja, que o livro e/ou o professor deixe claro seus objetivos sobre que gênero textual ele espera que seja produzido. De acordo com o Catálogo do Programa Nacional do Livro Didático (2004, p. 61), apud em Souza (2006, p. 226):

A maioria das atividades, formulada com clareza, considera a interlocução autor/ leitor, procurando explorar as propriedades lingüísticas, discursivas e textuais em questão. (...) as atividades têm sempre um objetivo, mas nem sempre estão orientadas para a singularidade do texto explorado.

O capítulo intitulado Crônica II (CEREJA; MAGALHÃES, p. 91-94) faz um breve relato das crônicas no meio jornalístico, apontando a inserção dos assuntos cotidianos nesse gênero. Em seguida, apresenta a crônica “Tatuagem”, publicada na Folha de São Paulo em março de 2003. Entretanto, o referido texto aparece no livro meramente para exemplificar as informações acerca das características de uma variante do gênero, pois nenhuma outra orientação ou questão sobre tal exemplar é apresentada no livro.

Posteriormente, mais uma atividade de produção de um texto (em anexo) é proposta com indicações para que o aluno considere os dados mencionados e também um dos dois textos de noticiário expostos no livro como base para o desenvolvimento de uma crônica. Ainda nessa proposta, os autores sugerem títulos para as produções dos alunos, o que pode acarretar a minimização da criatividade

do aluno, pois este tende a se acomodar com as sugestões e pensar menos em se posicionar, como na escolha de um título, por exemplo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base nos aspectos apresentados, consideramos o gênero textual uma importante ferramenta no processo comunicativo entre os seres humanos, por isso, há de considerar que a promoção do ensino através da leitura de gêneros, além de interessante, é fundamental para que os alunos possam adquirir novos saberes e, como conhecedor da língua, sejam capazes de desenvolver seu senso crítico.

Entretanto, verificamos que há ainda resistências em relação ao trabalho com texto, pois, de modo geral, quando não é utilizado como pretexto para aula gramatical, muitas vezes aborda a temática do texto de maneira reducionista. Em referência ao gênero crônica, por sua vez, defendemos que o mesmo pode ser de grande utilidade para o desenvolvimento progressivo das aulas de Língua Portuguesa, pois, além de suas características próximas ao cotidiano do aluno, traz consigo uma linguagem fácil, leve e gostosa de ler, o que, didaticamente falando, é essencial para instigar o prazer pela leitura nos alunos.

No que diz respeito ao livro didático analisado, podemos dizer que o livro é rico em diversidade de texto, o que é muito importante. O capítulo que trata das crônicas, em nenhum momento a utiliza como pretexto para o uso da gramática, o que também é positivo, afinal, o texto pode e deve ser tratado pelo texto, entretanto, a atividade analisada é carente de questões acerca da temática textual e seus recursos funcionais e discursivos, os quais são extremamente importantes quando se trata da análise e estudo dos gêneros textuais. Então, nesse ponto, era necessário uma revisão e aprimoramento da proposta.

Vale ressaltar ainda que um bom ensino está ligado diretamente ao professor competente, portanto, não basta que o livro didático seja de qualidade, é preciso que o professor seja capacitado o suficiente para que haja de fato um resultado adequado, afinal, os livros não são auto suficientes. É preciso que o professor perceba o que é interessante ser trabalhado em sala, a partir das propostas presentes ou não no livro didático, de modo a direcionar suas aulas de acordo com as necessidades e nível de compreensão de seus alunos, sem subestimá-los.

O ensino de Língua Portuguesa promovido através do texto, em seus mais diversos gêneros, é mais satisfatório, tendo em vista o desenvolvimento das capacidades discursivas, o que, conseqüentemente, proporcionará uma melhoria considerável no tocante à produção e compreensão de textos. Assim sendo, tal processo de formação de cidadãos os tornará seres mais pensantes, críticos e, sobretudo, capazes de transpor os novos conhecimentos adquiridos para sua vida social. Considerando o ensino da gramática através de textos, podemos dizer que a mesma poderá ser internalizada a partir da percepção de seu uso nos textos, contudo, é necessário que o professor desenvolva sua temática sem que o aluno perca o saber sobre a noção da funcionalidade dos textos.

Portanto, reafirmamos que ensinar por meio de gêneros viabiliza o desenvolvimento de determinadas habilidades no aluno, capacitando-o para a utilização adequada dos recursos da língua nas mais diferentes situações de interação.

## **ABSTRACT**

Issues on textual and discursive genres have been largely spoken, above all, defending their usage at classroom, pointing out textual activities. In this way, this article content approach intends to establish concepts about textual genres and their functionality, aiming analyzing if they have been exercised out in teaching practice efficiently, meeting its role as citizens basis knowledge. We used as theory support to better understand the aims on this research, the treatment offered to genre chronicle in Portuguese language student's textbook, verifying if the proposed activities meet the everyday theoretical and methodological approaches. On this matter, we used the following theory concerns: Fiorin (2008), Marcuschi (2003), Bakhtin (2000), Barbosa (2000), Travaglia (2005), Schneuwly e Dolz (2004), among others, which develop researches on textual genre as teaching basis, pointing out a more suitable way of introducing it in the classroom. Anchored on those contributions, we analyze the space and the treatment offered by Portuguese language student's textbook to the genre chronic, in order to prove if it is constructed according to researchers' approaches to later on questioning and considering the orientations offered by didactic material offered to teachers and students. We observed, at last, that the main implications in mother language teaching are directed to citizens former who are able to communicate and produce knowledge, in the several areas of his life. Based on this, teaching throughout genres turns interesting, however, we notice how there is still a gap in to the teaching practice as well as on the proposed activities of didactic textbook, when this theme are studied.

**Keywords: Genres. Chronic. Teaching. Didactic textbook.**

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Heloisa. *O gênero textual crônica*. Consultada em: [http://escrevendo.cenpec.org.br/ecf/index.php?option=com\\_content&task=view&id=942](http://escrevendo.cenpec.org.br/ecf/index.php?option=com_content&task=view&id=942) em 02/11/2011
- BAKHTIN, Mikail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucilec, 2006.
- BARBOSA, Jacqueline Peixoto. Do Professor Suposto pelo PCN's ao Professor Real de Língua Portuguesa: são os PCN's praticáveis? In: *A prática de linguagem em sala de aula*. São Paulo: EDUC, 2000.
- BRANDÃO, Helena Nagamine. *Gêneros do discurso na escola*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- CEREJA, William Roberto e MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: linguagens, 8º ano*. 5. ed. São Paulo: Atual, 2009.
- COUTINHO, Afrânio. Ensaio e Crônica. In: *A Literatura no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1997.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: *Gêneros textuais e ensino*/ Organização Ângela Paiva Dionísio. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- NEIVA, Érica Michelline Cavalcante. *A crônica no universo jornalístico e literário*. Consultada em: [http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed\\_06/contemporanea\\_n6\\_completa.pdf#page=126](http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_06/contemporanea_n6_completa.pdf#page=126) em 02/11/2011
- REY, Marcos. O que é mesmo uma crônica? In: *O coração roubado*. São Paulo: Global, 2007.
- ROJO, Roxane e BATISTA, Antônio Augusto Gomes. *Livro Didático de Língua Portuguesa, Letramento e Cultura Escrita*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. O texto e o Discurso. In: *Gramática e Interação*. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de Gramática*. 10ªed. São Paulo: Cortez, 2005.
- SCHNEUWLY, Bernard e DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola* /Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

SIGNOR, Rita. *Os gêneros do discurso*. Consultada em: <http://www.ufjf.br/revistagatilho/files/2009/12/RESENHA1.-Os-generos-do-discurso.pdf> em 31/10/2011

SOARES, Magda. *O livro didático como fonte para a história da leitura e da formação do professor-leitor*. Campinas: Mercado de Letras/ALB, 2001.